

Washington Luís socorreu a "Coluna Prestes" no exílio

ATITUDES HISTÓRICAS DO EX-PRESIDENTE DA REPÚBLICA REVELADOS A «O DIA» PELO ALMIRANTE FRANCA VELOSO

O almirante Braz da Franca Veloso, então capitão-tenente e ajudante de ordens de Washington Luís e que o acompanhou até a saída de Guanabara, na tarde de 24 de outubro, atendeu-nos gentilmente em sua residência, recordando detalhes que definem o caráter e a firmeza de atitudes do velho e discutido político desaparecido. Emocionado, exibiu-nos inicialmente um telegrama de Washington Luís, datado do mês passado, agradecendo a mensagem que lhe havia enviado e informando que estava se restabelecendo. Consultando notas e documentos guardados em pastas e envelopes, o almirante referiu-se inicialmente ao episódio da nomeação do deputado gaúcho Pinto da Rocha para ministro do Supremo Tribunal Militar, poucos dias antes de Artur Bernardes deixar o Governo. Pinto da Rocha verificou, diante da não publicação do decreto no «Diário Oficial», que o documento, assinado por Bernardes, havia desaparecido. Procurou Washington, o novo presidente, a quem expôs o fato.

— «Sr. deputado, o ato da nomeação de um ministro é coisa muito séria, mas em face do que o senhor me informa, recomendaréi ao ministro da Justiça (Viana do Castelo) para examinar o assunto: se tiver provas de que o sr. Bernardes fez a nomeação, assinarei outro decreto», esclareceu Washington.

Poucos dias depois, Viana do Castelo, a quem Pinto da Rocha havia imediatamente procurado, informou ao presidente que o decreto fora assinado e extraviado (corria o boato de que o documento tinha sido propositalmente rasgado). E novo decreto de nomeação do velho político gaúcho foi lavrado e assinado, sem qualquer vacilação.

SOCORROS PARA A «COLUNA PRESTES» NA BOLÍVIA

O almirante Braz Veloso, a uma nossa pergunta sobre fatos que a seu ver mais enobreceram o presidente, conta o seguinte:

— Logo no primeiro dia de Governo, o presidente viu-se à frente de nova insurreição, com o recrudescimento de revoltas em quartéis do Sul. Isso o aborreceu profundamente. Travou-se a luta de guerrilhas, formando-se a «Coluna Prestes», que percorreu o interior do Brasil. Como se recorda, os remanescentes da «Coluna» interparam-se, por fim em território da Bolívia, na fronteira de Mato Grosso. Eram seiscientos homens, maltrapilhos e doentes. Mangabeira recebeu informações do governo boliviano no sentido de que a região onde se refugiaram os brasileiros rebeldes não dispunha de nenhum recurso de remédios e alimentos. Comunicado o fato a Washington Luís, este ordenou imediatamente ao ministro do Exterior que adquirisse e fizesse chegar à «Coluna» todos os recursos farmacêuticos e provisões necessários. Mangabeira fez a aquisição no Paraguai. Entretanto, quando os volumes eram conduzidos ao destino, por via fluvial, foram apreendidos pelo comandante da frota de Mato Grosso, em Ladário. Informado da apreensão, Washington chamou-me e me ordenou que fosse à presença de ministro da Marinha, almirante Pinto da Luz, com o esboço de um cabograma para o comandante de Mato Grosso, esclarecendo-o sobre as origens da remessa dos socorros — que se fazia urgente — e acrescentando, para melhor ciência do comandante da frota, «que o Governo era de todos os brasileiros, mesmo os que se encontravam contra ele». Dessejava Washington Luís que o ministro da Marinha concordasse com os termos de radiograma expedido com a sua autoridade.

— «Tenho numerosos fatos e ocorrências para contar no mesmo sentido, mas esse se me afigura um dos mais expressivos, principalmente porque o Presidente não cortejava, como sabemos, a popularidade, acentuou o almirante.

ÚLTIMAS HORAS NO GUANABARA

Pedimos então ao almirante que nos relatasse os acontecimentos desenrolados no Guanabara desde a madrugada de 24 de outubro até às 18 horas, momento em que Washington Luís deixou o palácio, seguindo preso para o Forte de Copacabana.

— «As duas da madrugada o general Sigefredo comunicou ao Presidente que acabava de ser informado de que os generais Mena Barreto, Tasso Fragoso e Firmino Borba encontravam-se no Forte de Copacabana e que acabavam de concitar, por um manifesto, as tropas da Primeira Região a aderir à revolução. O Presidente, pelo telefone, comunicou-se pessoalmente com o general João Gomes, comandante da Vila Militar, travando com ele o seguinte diálogo:

— General, posso contar com a sua Brigada?

— Infelizmente, não, sr. Presidente!

— Então, é o senhor um general sem soldados?

— Lamentavelmente estou nesta situação, respondeu João Gomes.

Então ligo para o comandante da Polícia Militar, general Carlos Arlindo a quem o almirante Veloso atribui, realmente durante as horas dramáticas, como de resto — frisa — toda a Polícia Militar, a mais perfeita lealdade e obediência.

— General, posso contar com a Polícia Militar?

— Tenho oitocentos homens e vou mandá-los imediatamente para o Guanabara!

— Todos os oitocentos, não, — voltou Washington — o senhor necessita também de homens para sua defesa.

— Não, sr. presidente V. Exa. é quem, realmente, necessita de ser defendido, porque é o Presidente!

PRESENÇA DA JUNTA NO GUANABARA

— Os componentes da «Junta Pacificadora» chegaram ao Guanabara às duas horas da tarde. Já aí não havia mais ambiente para qualquer reação. Integravam-na Tasso Fragoso, Mena Barreto e Malan (Isaias de Noronha veio depois). Penetrando no Gabinete do Presidente, que estava cercado por todos os ministros e Casas Civil e Militar, coube ao general Tasso Fragoso fazer-lhe esta comunicação:

— Sr. Presidente, a revolução está vitoriosa. Vimos oferecer-lhe todas as garantias a fim de que V. Exa. possa retirar-se para onde quiser.

— Dispensar essas garantias — disse, firmemente, o Presidente.

— O que estou defendendo é a dignidade do meu cargo!

— Neste caso — replicou Tasso — assumirá V. Exa. a responsabilidade de tudo quanto possa acontecer!

— Assumo a responsabilidade a que os senhores não quiseram ou não puderam: o que menos me interessa neste momento é a vida!

A Junta desceu e instalou-se nos baixos do Palácio, enquanto o coronel José Pessoa mandava ocupá-lo. Já aí a tropa da Polícia recebia lenços vermelhos, levando o general Teixeira de Freitas a dizer ao comandante, o major Reis: — Também os seus soldados já aderiram, estão de lenços vermelhos no pescoço...

A tarde corria, tumultuosa e de extrema expectativa. A cidade cobria-se de lenços e trapos vermelhos. Incêndios e depredações. Pelas seis horas chegava o cardeal Dom Sebastião Leme, acompanhado de dom Benedito Sousa e de monsenhor Costa Régio. Anunciado, mandou o Presidente que se levasse dom Sebastião para o salão nobre e que dom Benedito e padre Costa Régio entrassem em seu gabinete.

Aqui o almirante Veloso esclarece que não acreditava mais em ser obedecido em qualquer ordem. Mas falou enérgico para o contínuo, que continuava em seu posto:

— Cabral, dom Leme para o salão de honra.

O encontro foi dramático. O cardeal que, parece, ate momentos antes supunha que sua missão era levar o Presidente para o «Copacabana-Palace», apresentou-se ao Presidente, que deixava o Gabinete acompanhado pelo general Teixeira de Freitas, de dom Benedito, padre Costa Régio e por mim.

— Presidente — falou dom Leme — estou aqui para conduzi-lo ao Copacabana Palace Hotel.

— Não tenho mais nenhum soldado e não desejo sacrificar os meus amigos que aqui estão.

— Vamos logo, Presidente — advertiu o cardeal que estava visivelmente apressado.

— Não há tanta pressa — disse o Presidente.

Chamou o almirante a atenção para o seguinte detalhe: o vice-presidente Melo Viana, apesar de assediado por amigos pessoais da política de Minas e sabendo que tudo estava perdido, conseguiu, dando enorme volta pela Tijuca e Rio Comprido, alcançar o palácio, de onde só saiu depois do Presidente para a prisão no quartel da Praia Vermelha.

RECEBEU CONTINÊNCIAS AO DEIXAR O GUANABARA

Informou-nos ainda o almirante interessante detalhe: quando descia as escadas do Guanabara para tomar, com o Cardeal, os generais Teixeira de Freitas e Tasso Fragoso, o automóvel que o conduziria ao Forte de Copacabana, ouviu-se um começo de vaia partida dos grupos que se postaram ao redor. O general Malan fez um gesto, impondo silêncio, e proclamou, enquanto Presidente e

acompanhantes paravam no tope da escadaria:

— Continência para o Presidente!

Fêz-se absoluto silêncio. Os lugares no carro foram tomados e poucos minutos depois Washington Luís entregava o revólver ao então capitão Honorato Pradel e penetrava no Forte...

NINGUÉM LEVAVA DOCUMENTO SEM CONHECER O ASSUNTO

Outra determinação do Presidente, como exemplo de lealdade e confiança, devo ressaltar — Prosseguiu o almirante — não mandava nenhum dos seus auxiliares, civis ou militares, levar em mão qualquer carta, mensagem ou documento, por mais delicado e sigiloso que fosse o assunto, a qualquer ministro ou autoridade — que não os entregasse abertos, para que o portador tomasse conhecimento e fechasse em seguida:

— Tenho confiança nos meus auxiliares e nunca sei capaz de mandá-los levar carta fechada sem que conheçam o que vão fazer...

OS MÉDICOS TRABALHO QU

NUNCA os médicos especializados em medicina esportiva tiveram tanto trabalho como na temporada do ano que passou. Foi um tal de operar menisco, que esta intervenção cirúrgica que consiste na extração do joelho do septro fibro-cartilaginoso tornou-se banal, corriqueira no noticiário esportivo dos jornais e revistas. Inúmeros foram os «cracks» que ficaram meses a fio nos «estaleiros» dos clubes. Na gíria futebolística diz-se que quando um jogador se machuca e vai para o departamento médico, que ele foi recolhido ao «estaleiro» a fim de ser consertado pelos bambas em traumatologia, e não existe campo melhor para um esculápio desenvolver seus conhecimentos sobre contusões do que o setor dos chutes de bola.

Dizem que esta série de contusões resulta da baixa do rendimento técnico dos times, que passaram a usar de mais violência para poderem romper os sistemas defensivos solidamente armados pelos catedráticos do futebol.

Iustamente o que caracterizou a temporada de 53 do futebol metropolitano, foi a seqüência de baixas nas fileiras dos principais clubes, a ponto dos jornais criarem uma seção inédita:

**MENISCOS AN
QUEBRADAS,
SAS, TALHOS
MARCARAM D
DOR) AS MAIO
BOLÍSTICAS D
DE MUITOS
RECIMENTO D**

Repo

A VÍTIMA DA SEM
tros» de primeira
car inativos por
acidentes em jogos
porque foram oper
dução.

O Vasco em ce
transformou-se num



ERNANI, inúmeras vezes campeão carioca da categoria
rantes, esperou vários anos pela grande oportu
figurar no arco vascaíno, porém não foi feliz porque num jô
Fluminense, pelo Rio-São Paulo, saltando para deter uma
Marinho, caiu de mau jeito, batendo com o crâneo no chão
no Pronto Socorro e desde então as suas atuações não se
pela mesma firmeza com que defendia o arco dos asp
pelo qual o segundo reserva...



WASHINGTON LUÍS PEREIRA DE SOUSA

O fato de ter ele nascido em Macaé não o despoja de tôdas as virtudes e defeitos dos paulistas, muito menos das virtudes. Orgulhoso e teimoso, o ex-presidente da República é também um símbolo de dignidade. Contou-me, certa vez, o seu ministro da justiça, Viana do Castelo, que, poucos dias antes de rebentar a Revolução de 30, teve o cuidado de reunir todos os elementos comprobatórios da sedição e, em seguida, redigir o decreto de intervenção em Minas. Uma vez consumada esta, daria cabo da bambochata, antes que explodisse. Levou o texto e a justificativa ao presidente, mas ele, obstinadamente, recusou-se a assinar, dizendo que não violaria a ordem legal em qualquer parte do país, muito menos em Minas. Note-se que Viana do Castelo era mineiro. E assim como não quis violar a soberania dos Estados, também resistiu, até o último instante, prendendo generais e os repreendendo dentro do Catete, quando êstes foram depô-lo ou simplesmente convidá-lo a deixar o Poder. Teria dito mesmo ao general Tasso Fragoso: «Com que autoridade? Considere-se prêso e destituído. O senhor deveria ter aprendido no colégio qual é a função do Exército, já que lhe falta lealdade. Retire-se!». E teria morrido dentro do Catete, não fôsse o dramático apêlo do cardeal D. Leme para que fizesse cessar, em nome de Deus, o sangue a derramar-se naquela luta fratricida.

Washington Luís foi valente e legalista, desde o princípio de sua carreira. Recorda-se que, na qualidade de promotor público em Batatais, costumava enfrentar criminosos, para dar exemplo e encorajar a polícia. Quando secretário da Justiça em São Paulo (1921), prendeu, de uma feita, um quartel inteiro da Fôrça Pública, que entrou em revolta. Foi pessoalmente ao quartel, destituiu o comandante, substituiu os oficiais e regressou tranqüilamente à sua casa.

Como governador de São Paulo, a par da elegância, brilho mundano e do seu Governo, deu inúmeras provas de bravura pessoal.

A presidência da República não foi nem menos elegante nem menos bravo. Lutou desesperadamente pela Estabilização e adotou o slogan de que «governar é abrir estradas». Coisa que de fato fez, na medida das possibilidades de sua época. Exilado na Europa, só regressou ao Brasil depois que o viu restituído à ordem. A história veio provar, muito cedo, que os homens que o substituíram no poder fracassaram completamente. E que as condições da Revolução eram apenas do tempo e não dos homens, ainda agora, se revelam os mesmos, com maiores defeitos, sobressaindo-se, não raro, em vulgaridade e cafagestismo. Casou-se Washington Luís com d. Sofia de Barros, filha da Baronesa de Itaipava e tem quatro filhos: Rafael, Maria, Caio e Victor. Hoje, em São Paulo, no Jardim América, gosta de plantas e tem uma relação ao futuro do país, desprezando apenas os que ainda o governam. Possuiu o mais bem feito cavalo do seu tempo e em sua homenagem foi fabricado o «Presidente».

OXALÁ ASSIM SEJA!

"Para a missa de graças do
["barbado"
A Candelária encheu-se de
[uencidos,
Havia algo ali dos tempos idos
E pedaços saudosos do pas-
[sado."

Foi assim que Aprígio dos Anjos, com a sua inigualável veia satírica, começou o seu célebre soneto para comemorar a primeira missa realizada na Candelária no dia 26 de outubro de 1931, data aniversária do saudoso presidente Washington Luis. A bem da verdade histórica, presente a essa como as que depois se sucederam, posso afirmar que a Candelária, ao contrário, não se encheu. Éramos poucos os presentes, e por que não dizer, assustados, dada a fúria que a ditadura já exercia sobre os que arrancara do poder legal. Mas nada aconteceu. Afinal de contas, não eram criminosos os que ali se encontravam. Eram, apenas, admiradores do homem que perdera o Poder, mas não perdera a dignidade com que se comportou até o dia de sua morte. Os brasileiros deviam ler com orgulho o depoimento do eminente cidadão Octávio Mangabeira, ora tornado público. É uma página digna dos Anais de Tácito. Como são grandiosos aqueles momentos últimos passados no Guanabara. Quanta dignidade!

O poeta não foi à Candelária, conforme confessa: "Não fui à missa embora seja crente". Como ia dizendo, naquela 26 de outubro esteve vazia a Candelária. Mas agora encheu-se. Encheu-se para

reverenciar a memória de quem cumpriu aquilo a que Shakespeare chamou "O espelho da vida", isto é, a capacidade de ser tão sincero consigo de modo a nunca ser falso com os outros.

Durante o ofício religioso, eu me lembrava que já não pertenciam ao número dos vivos Getúlio Vargas, Arthur Bernardes, Olegário Maciel, Góis Monteiro, Maurício Cardoso, Antonio Carlos, João Alberto, Lindolfo Collor, Virgílio de Mello Franco, Pedro Ernesto, Adolfo Bergamini, Tasso Fragoso, Leite de Castro, e tantos outros, e me perguntava se vale a pena os homens se desentenderem e se odiarem, se o tempo que é o grande Mestre vai nivelar todos sob a terra fria? Memento homo! Nesse momento, o ilustre almirante Braz Velloso me mostrou a última carta recebida de Washington Luis, na qual, dois meses antes de sua morte ele escrevia confiante: "Mas todos os países passam por essas crises. Estas são como o sarampo e a coqueluche, etc., que atacam as crianças. Mas o Brasil atravessará a todas e continuará na estrada do progresso. Não há razão para desanimar. É pelo menos a nossa esperança." Oxalá assim seja!

FLORESTA DE MIRANDA

"CORREIO DA MANHÃ" - 15/8/1957

depois por ter expirado a data da suspensão das garantias constitucionais, a resistência ao regime começou a aumentar.

"A imprensa cubana funcionava ainda com grandes dificuldades, à pressão do Governo era ameaçadora e induzia a maioria dos jornais e revistas de Cuba a adotar uma censura própria. Mas é mérito da imprensa o fato de ter forçado a discussão até onde pudesse fazê-lo sem perigo. Nas últimas semanas, as no-

DESMENTE OS RUMORES A ASSOCIAÇÃO COMERCIAL

PÓRTO ALEGRE, 14 — A Associação Comercial de Uruguaiana desmentiu as notas divulgadas em alguns jornais desta capital, Rio e São Paulo, de que populares exaltados na campanha contra o contrabando tenham depredado a casa comercial do presidente daquela entidade. — Asp.

Quando tento

“
o demô



Janela aberta

O SR. WASHINGTON LUIS E EU

A Noite - 15/12/45 R. Magalhães Junior

O Sr. Washington Luis, que vai regressar à pátria, acaba de falar aos seus concidadãos, quebrando o seu mutismo de quinze anos. Falou para agradecer as homenagens que estão sendo preparadas para o seu regresso. Homenagens que são, na verdade, merecidas e das quais podem participar todos os brasileiros, qualquer que seja o matiz político de cada um. O ex-chefe da Nação se coloca acima das divergências partidárias em que nos dividimos e que são a própria essência da vida democrática, pois só o fascismo tem como objetivo a disciplina de opinião e a unanimidade de pensamento político, ainda que forçadas. Digo que todos os brasileiros poderão homenagear o Sr. Washington Luis, porque não há fronteiras partidárias, quando se trata de homenagear um grande cidadão. Aquele homem, tão obstinado em exercer até o último dia o mandato para o qual fôra eleito, comportou-se no seu exílio com uma dignidade, com uma inteligência, com uma serenidade socrática. Nem D. Pedro II foi mais exemplar, na sua conduta de imperador destronado. Seu capricho era o de não volver ao Brasil enquanto estivesse no poder aquele que o depoz, pelas armas, mas pelas armas acabou também sendo deposto. Nisto, o Sr. Washington Luis encontrou uma reparação, mas foi, ainda uma vez, comedido, discreto, moderado nas suas manifestações. Esse homem de rara energia moral e física, teve o privilégio de viver até que o Brasil retomasse o rumo da democracia, sob o signo da lei, com as franquias legais estendidas a todas as organizações partidárias. E só agora volta e só agora fala, para fazer uma profissão de fé democrática.

Antes, só uma vez falara a um jornalista, limitando-se a meia dúzia de palavras. Isto em Nova York, quando, no Hotel Wentworth, estabelecimento de quarta ordem, onde vivia modestamente, recebendo as visitas e as expressões de simpatia de brasileiros que iam aos Estados Unidos, foi procurado pelo meu colega Arlindo Pasqualini, da imprensa de Porto Alegre. Não deu uma entrevista. Ditou uma frase curta. E essa frase não era senão a defesa da liberdade de imprensa, dos direitos dessa mesma imprensa que o malsinara, que o injuriara, que o acusara, que o apodara de "barbado", "cavanhaque de bode", e outras gentilezas desse jaez.

— Diga, — declarou o Sr. Washington Luis, — diga pelo seu jornal, se puder, que a liberdade de imprensa pode destruir um governo como destruiu o meu... que a ausência dessa mesma liberdade pode conduzir a coisas piores: pode destruir uma nação...

Essa condicional, esse "se puder", foi, talvez, a única ironia do ex-presidente, nestes quinze anos de exílio, em relação à situação brasileira e particularmente da imprensa, arrolhada pelos artifícios da censura dissimulada em suspensões, em cancelamentos de registro, de direitos de importar papel, em encampações, confiscos, etc.

O título deste artigo deve estar causando estranheza ao leitor, que até aqui, decerto não pôde atinar com as minhas ligações com o ex-presidente Washington Luis. Na verdade, devo dizer que só uma vez lhe falei, em Nova York, limitando-me a apertar-lhe a mão, no Restaurante Del Pezzo, onde frequentemente almoçava, por ficar quase em frente ao Hotel Wentworth e a sua cozinha italiana estar mais perto da nossa do que a dos restaurantes norte-americanos. Mas, por causa do Sr. Washington Luis, passei alguns dos máus momentos da minha vida profissional e deixei de jantar umas trinta noites. Isso se deu, precisamente, em 1930, quando eu realizava o pequeno milagre de trabalhar ao mesmo tempo em três jornais, — "O Estado", de Niterói; "A NOITE Ilustrada" e o "Diário de Notícias", e em plena revolução, o primeiro desses jornais mandou-me ao Catete, para tentar uma entrevista pessoal com o presidente. Não consegui ser recebido. Mas, no dia seguinte, saí no "O País" uma notícia sobre as pessoas que haviam estado no Catete e lá estava o meu nome.

Vitoriosa a revolução, dos jornais em que eu trabalhava, só escapou de empastelamento, o "Diário de Notícias", que se iniciara dificilmente, com mil e um sacrifícios e no qual eu ocupava modestíssima posição. Não podia viver só dele. Mas como arranjar outro lugar, com a epidemia de empastelamentos? "O Malho", "Para Todos", "Gazeta de Notícias", "A Notícia" e outros mais haviam sido também atingidos. Além disso, "A Esquerda" e "A Batalha", publicavam diariamente uma seção intitulada "O Controle do Adesismo", apontando à execração pública aqueles que haviam sido partidários de Washington Luis e Julio Prestes. Todo sando dia, saía aquela lista de nomes, aquela teoria de "indivíduos a quem ninguém devia dar emprego ou estender a mão". Lembro-me bem, sob a letra C, do nome de Carlos Maul. Na letra H, do Hekel Tavares. Na letra J, do Joracy Camargo. Na letra L, do Luiz Peixoto. E quando chegava a letra R., lá vinha, à frente de todos, o nome de R. Magalhães Junior.

Ao fim de um mês, condenado à semi-inatividade, tendo de suprimir o jantar e o almoço, para fazer diariamente uma refeição única, uma espécie de almoço-jantar, lá para as quatro da tarde, acabei por me irritar. E um dia subi a redação do "A Esquerda", às dez horas da manhã, para falar ao diretor. Recebeu-me um moço de irradiante simpatia, risonho, bem diferente do truculento homem de imprensa que eu esperava.

— Que deseja?

— Fazer uma reclamação... Todos os dias estão apondo o meu nome à execração pública, nessa coisa chamada "O Controle do Ademismo". Será tão grande assim o meu crime? Como é que vocês jornalistas fazem tal coisa com um colega? Não seria melhor pedir para nós a pena de prisão perpétua ou o fuzilamento sumário?

— Disse ainda outras coisas um tanto exaltado. O moço risonho ficou um pouco embaraçado e logo esclareceu.

— Eu não autorizei a publicação de tal coisa... mas o dono do jornal resolveu, pessoalmente, atender às insinuações de um redator... Nada pude fazer. Mas sou contra isso. Que é que poderia fazer, em seu favor, para remediar isso?

— Dê-me um lugar no seu jornal...

O moço, que se chamava Carlos Sussekind de Mendonça, — e que hoje conto entre os meus melhores amigos, embora distanciados, um do outro, por solicitações diversas da vida prática, — resolveu que eu fizesse uma experiência. Fiz e, no dia seguinte, era redator, não só do "A Esquerda", como do "A Batalha", onde durante umas duas semanas continuou a sair, sem alterações, "O Controle do Adesismo", de tão inócuo efeito, posto que os jornais que pregavam as drásticas medidas eram os primeiros a se furtarem ao seu cumprimento...

Durei pouco, ali, porque, com o triunfo revolucionário, o dono do jornal, até então oculto numa discreta penumbra, resolveu assumir pessoalmente o controle das folhas. Era João Pallut, o rei do jôgo do bicho, o Borghi daqueles tempos, e que logo virou jornalista, publicando em primeira página uma série de colóquios com o Sr. Getúlio Vargas em Foços de Caldas, redigidos, a rogo, pelo excelente profissional que era José Guilherme.

E' esse um dos episódios mais curiosos da minha vida jornalística. Não fui intencionalmente ao Catete visitar o senhor Washington Luis, no tormentoso período de outubro de 1930. Mas irei agora intencionalmente à sua chegada, para recebê-lo, não como a um homem que foi vencido e que volta ao país depois da derrota do seu vencedor, mas como a um brasileiro digno, a um cidadão exemplar, que cresceu e se dignificou no ostracismo, tão desmoralizante para a maioria dos homens, públicos, que é a dos ambiciosos e interesseiros.

A vida... em retalhos

O ilustre e saudoso psiquiatra brasileiro Juliano Moreira, talvez cedendo à influência de sua especialização científica, costumava dizer: "Sempre que se empresta um bom livro, há um louco; ou quem o empresta ou quem o devolve". Neste momento, encontramos-nos exatamente enquadrados em tal alternativa: nós e uma distinta senhora de nossa sociedade. E' que essa respeitável dama, possuidora de inteligência fulgurante e acentuado "sense of humour", acaba de nos emprestar "A vida... em retalhos", de Maria Carvalhais.

Não há benevolência em reconhecer que esse livro se impõe como um excelente trabalho literário. Aliás, Oscar Wilde teve ensejo de afirmar "Não há livros morais ou imorais e sim, bem ou mal escritos."

"A vida... em retalhos" é esplendidamente escrito. Num estilo leve, brilhante, polido; sem descuidos gramaticais nem vulgaridade de expressões, a autora traça os seus quadros com firmeza, elegância, luminosidade, apresentando os personagens com verismo tal que o leitor tem a impressão exata de conhecê-los pessoalmente.

Maria Carvalhais, em suas "tranches de vie", envolve de melancolia, e não raro de dramaticidade, o destino de suas heroínas, cujas culpas procura, e consegue, tornar perdoáveis, mostrando-se, entretanto, muito severa com os homens, quando "desfarcadamente", lhes marca, acentua sub-linha, os defeitos e falhas, principalmente em matéria de amor, demonstrando serem eles, quase sempre, os primeiros e maiores responsáveis pelos erros e deslizes femininos.

Aliás, há nisso um traço simpático da fisionomia moral da escritora, pois, ninguém ignora, e cientificamente está provado, que a pior inimiga das mulheres é a própria mulher. Maria Carvalhais constitui, portanto, uma amável exceção a essa lamentável regra geral. Em seus contos, há tão somente fotografias da vida real. A fantasia existe apenas para o primeiro plano poder sustentar devidamente o fundo, como ocorre em pintura. O conto "Tarde demais" é um modelo. Concluindo-o, a autora, em meia página, faz o que Henri Bataille teria feito em várias cenas. Na verdade, a resolução e procedimento da protagonista lembra final de peças do imortal autor de "L'Animateur", "La Tendresse" e "L'Escandale".

Há tanta teatralidade no desfecho da narrativa, que um leitor, bom frequentador do Municipal, sente impetos de bater palmas e chamar ao procênio os autores.

Sem dúvida, encontra-se no livro um ou outro trecho que bem poderia sobressaltar os espíritos "arriêres", remanescentes do defunto puritanismo ou os que concordam com Tarluffo: "o crime não é se fazer e sim se saber".

Entretanto, os habituados das páginas de Pettigrilli e Deckobra achariam tais tais passagens como algo de ingênuo.

Maria Carvalhais não faz parada de filosofia nem de dissacadora de almas. Na entanto, lança frases que a consagram como tal, pois, possui, como pouca gente, o sentido da realidade.

Ouçam, por exemplo, esta sua afirmação: "O perdão é deprimente. Só se perdoa quando se tem consciência absoluta da derrota: então, nada mais nos resta — que perdoar".

Agora, uma encantadora mordacidade: "Baixinha, gordinha, parecendo um barrilzinho, com os cabelos de três cores e as faces pintadas ao excesso, lá vem ela aos saltinhos, cheia de trejeitos faceiros. Olga é o protótipo da mulher que foi casada com um homem muito mais velho. Acha-se eternamente jovem e graciosa; é a mulher que esqueceu a idade. Sendo, viúva, também, transpira por todos os poros vontade de contrair novo matrimônio."

"Felicidade perdida" é uma página notável de mágoa. Bem poderia ter como título "O espectro da juventude" ou "Quando D. Juan envelhece"...

"Silêncio" tem qualquer coisa de "grand guignol", tanto quanto "Amanhã... Amanhã".

Em compensação, "Consuelo" é uma suave sinfonia sentimental.

Enfim, "A vida... em retalhos" se nos apresenta como um dos livros brasileiros de contos mais atraentes que temos lido nestes últimos tempos.

Mas... temos que devolvê-lo. A tanto somos obrigados pelo culto à galantaria. Há que ficar conosco a "loucura" a que aludiu Juliano Moreira, na frase que em princípio citamos...

DICK

ANIVERSARIOS

D. André Arcoverde Cavalcanti — Transcorre hoje o aniversário natalício de D. André Arcoverde Cavalcanti, bispo de Limne e ca-

pelão do Colégio dos Santos Anjos, na Tijuca.

Por suas altas virtudes morais e de espírito, é o aniversariant uma das figuras de maior desta que no clero nacional.

AVISO

Tendo de entregar o prédio ao Clu até 31 de Dezembro, quando passar somente na nova sede, sita à **NA N.º 5 (junto à Carioca) LIQUID** te este mês todo o nosso estoque — **PASSADEIRAS — TAPETES — CO** — **CAPACHOS**, etc., com grandes a **APROVEITEM!!**

CASA BEI

82 -- Rua 7 de Setemb
— JUNTO A AVENID

BRIGHT STAR
No. 10
FLASHLIGHT BATTERY

melhor de todas

PILHAS E LANTERNAS

Otávio Gouveia de Bulhões

O subsídio ao consumo alimenta a inflação

Norman Gall

— Dr Bulhões pode explicar por que existe inflação de quase 110% no Brasil?

A inflação acentuada de 100% advém de um processo cumulativo de pressões inflacionárias. A grande pressão advém dos subsídios, principalmente do crédito à agricultura. No princípio dessa política creditícia as margens de aumento eram modestas, mas se foram acelerando nos últimos anos, e por causa dessa aceleração a inflação também foi tomando corpo, chegando a essas proporções.

— E muito interessante que a taxa de crescimento econômico no Brasil tenha chegado a um plano horizontal e depois de 75 tenha oscilado tanto. Qual a significação desses acontecimentos?

— Quer dizer que a inflação desses anos não advém mais de investimentos e sim de subsídios ao consumo.

— O Sr. em abril de 1979, disse para o JORNAL DO BRASIL o seguinte: “O chamado pacote antiinflacionário ainda é muito tímido. O Governo deveria restringir muito mais o crédito subsidiado para fazer a inflação cair praticamente a zero. Se o Governo não tomar essa atitude, é bem provável que dentro de algum tempo a inflação derrube o Governo.” Estou citando suas palavras e desde aquela época, basicamente, em termos globais, a taxa de inflação tem aumentado e o Governo ainda não caiu. O Sr acha que a ameaça já passou ou estamos ainda por enfrentar essa ameaça?

— Essa observação foi de fato apoiada em uma frase um tanto exagerada. Dizendo que a inflação derrubaria o Governo, o que eu quis dizer era que o Governo não se firmaria tanto na opinião pública, como ele esperava firmar-se no início das medidas antiinflacionárias. A meu ver, as medidas antiinflacionárias, se tivessem sido tomadas na época, de maneira mais drástica, a inflação já teria cedido e o Governo, hoje, estaria melhor amparado pela opinião pública do que se acha atualmente.

— O Sr acha que a sobrevivência do Governo está em jogo hoje?

— Continuo a supor que se a inflação não cair, se a inflação prosseguir em alta, o Governo ficará desprestigiado.

— Não significa esse fato a necessidade de medidas mais drásticas?

— Acredito existir uma pressão da opinião pública sobre o Governo no sentido de reduzir a taxa inflacionária, e a redução da taxa inflacionária tem o mérito não só de inspirar confiança interna, como externamente. Admitamos que 1981 seja igual a 1980, isto é, não se consegue melhorar o equilíbrio do balanço de pagamento. Mas, o simples fato do Governo demonstrar sua capacidade de reduzir a taxa inflacionária, desperta nos credores estrangeiros maior confiança no Brasil. Eles estarão dispostos, não obstante o endividamento já existente, a continuar a dar crédito ao Brasil por dois motivos:



“Não vejo incompatibilidade de Governos democráticos com medidas de restrições e austeridades”

primeiro, porque o Governo ao demonstrar a sua capacidade de reduzir a taxa de inflação sempre provoca respeito, seja qual for o país; segundo, porque o Brasil tem um programa que já me parece vitorioso na substituição do petróleo por produtos nacionais.

— Hoje, o Governo diz que basicamente a alternativa para uma linha dura e, basicamente, a viabilidade do programa de democratização do país. O senhor acha que um governo democrático é igualmente capaz de fazer uma política de austeridade e poupança como um governo militar?

— Julgo que sim.

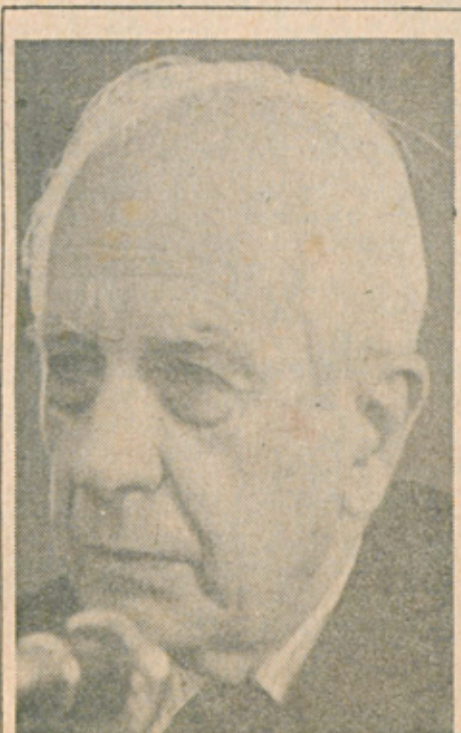
— O Sr conhece casos iguais?

— No Brasil já houve um período de grande austeridade, mantida pelo Presidente Campos Salles, em pleno regime democrático. Houve ao tempo do Presidente Bernardes e Café Filho. No tempo do Presidente Castello Branco, havia governadores de Estados contra o Governo da União, havia o Congresso funcionando e conseguiu-se reduzir a inflação de maneira substancial. Não vejo incompatibilidade de governos democráticos com medidas de restrições e de austeridade. O povo é capaz de entender a necessidade de austeridade de políticas econômicas e aceitar suas consequências desde que seja limitada e bem justificada; a população aceita e aceita estoicamente.

— Quando o senhor estabeleceu indexação no ano de 1965, teve a intenção de uma medida permanente?

— Não como medida permanente. Era providência a ser adotada enquanto perdurava a política de combate à inflação, desde que a

Se fosse da equipe do FMI (Fundo Monetário Internacional), Otávio Gouveia de Bulhões exigiria do Brasil que limitasse os créditos subsidiados, por ser um ponto fundamental no combate à inflação. Carioca (nasceu em janeiro de 1906), advogado, economista; mestre de Reis Velloso e Mário Henrique Simonsen; delegado do Brasil em Bretton Woods (quando se criou o Fundo Monetário Internacional, em 1943/44) e Ministro da Fazenda do Governo Castello Branco; Otávio Gouveia de Bulhões tem todos os títulos para se fazer ouvir — e há



“Não podemos controlar a inflação (nem restringir o crédito) mantendo a taxa de juros baixa”.

taxa inflacionária fosse declinante. Com taxa de inflação ascendente a indenização torna-se bem mais difícil.

— Qual deve ser a política de indexação, correção monetária, etc, no Brasil de hoje?

— De correção monetária, deve ser mantida, mas com grande esforço do Governo de tornar declinante a taxa inflacionária e não manter o declínio por muito tempo. Quer dizer, que a taxa declinante seja acentuada no correr do tempo, digamos, no prazo de dois ou três anos, não mais que isso, basicamente na eliminação dos subsídios.

— O Senhor tem falado da política de subsídios que se ampliou no Governo de Geisel, a partir do ano de 1975. Num de seus trabalhos escritos citou que cada aumento anual do crédito no Brasil é da ordem de 50%. Qual seria o marco razoável para aumentar o crédito no Brasil, na situação em que nos encontramos hoje?

— Não sei especificar a priori qual seria uma taxa de aumento de expansão creditícia que permitisse assegurar recursos suficientes para a atividade econômica. Mais por intuição que por exame criterioso do assunto, eu diria que uma taxa de aumento de crédito não deveria ser nunca superior a 20 — 25% por ano. Estava aumentando acima de 50% anualmente nos últimos tempos.

— Quais seriam as implantações no Brasil de se liberar preços e juros?

— A liberação de preços e de taxa de juros traria grande desconforto, perplexidade e reações desfavoráveis nos primeiros meses. Mas, em seguida, os preços poderiam declinar, as taxas de juros também declinariam e haveria uma tendência à estabilidade, desde que a liberação fosse escolhida em momento oportuno. Nós não poderíamos pedir ao Governo que liberasse os preços numa fase de escassez, mas quando ele verificasse certa abundância de oferta dos produtos. Nesse momento ele poderia retirar os subsídios e permitir a elevação dos preços, porque os preços não subiriam muito.

— O Sr acha possível o controle de taxas de juros e base monetária ao mesmo tempo, como pretende fazer o Governo hoje?

— Não. Isso é contraditório.

— A atitude do Governo é teoricamente impossível?

— Teoricamente é impossível, tanto que ele teve que recorrer a um imposto. Não podemos controlar a inflação mantendo a taxa de juros baixa. Não podemos restringir o crédito mantendo a taxa de juros baixa.

— Mas isso não desestimula a poupança?

— Sim, mas tem um mérito. O Governo, ao diminuir a remuneração dos juros, fez com que a poupança se deslocasse para o mercado acionário.

— Nos últimos anos temos visto no Brasil uma perda de recursos reais no sistema monetário em forma de poupança. Quais são as consequências para a manutenção econômica nos anos futuros?

— A perda de poupança advém de dois fatos: primeiro, a correção monetária sendo corrigida e a taxa de juros diminuindo, diminui-se o incentivo a poupar, ao menos sob a forma

de depósitos a prazo e em caderneta de poupança. Segundo, é a própria inflação que estimula o consumo. As pessoas preferem adquirir imediatamente aquilo que não visavam comprar. Adquirem com receio de que o preço suba muito, no futuro. Aqueles que poupavam, agora preferem capitalizar sob a forma de bens de consumo e as empresas tendem a formar estoques.

— O Sr. observou que é impossível controlar tanto os juros como a oferta monetária. O Sr tem criticado os controles de preço. Essa medida parece ser o centro, o coração da política antiinflacionária do Governo, de diferentes tipos de limite de controles de créditos, de juros, de orçamentos monetários, de preços. Sendo assim, o Senhor critica esses controles e inclusive a impossibilidade de controlar a expansão monetária e juros ao mesmo tempo. O que está certo dentro desse esquema de política antiinflacionária do Brasil?

— Julgo acertado tais controles por determinado período de tempo, no propósito de reduzir-se a inconveniência de expectativa inflacionária. O que eu não vejo consistência na política governamental é adotar as medidas restritivas e manter em desenvolvimento uma expansão monetária provocada pela política de crédito subsidiado quase sem limites. Controles de preços e juros podem ser efetivos por pouco tempo. Temos que acabar com os subsídios. De outra maneira, perderemos o controle da situação.

— Por que têm se expandido os meios de pagamento no mundo 10 vezes e a inflação mundial tem multiplicado quatro vezes durante a década de 70?

— Os países desenvolvidos adotaram logo depois da guerra, uma política de redistribuição da renda, retirando recursos das empresas e transferindo para salários, não apenas salários dos empregados das empresas, mas também para aumento dos serviços governamentais e salários suplementares destinados à Previdência Social. Com essa transferência de recursos as empresas começaram a ter seus lucros substancialmente diminuídos e portanto com menor oportunidade para oferecer maiores dividendos e obterem aumento de capital próprio. Iniciou-se então uma fase de acentuado endividamento das empresas no mundo inteiro. Alguns países mais acentuadamente, outros menos acentuadamente, mas a tendência foi generalizada.

— Acontece que para o capital próprio das empresas ser coberto, ele precisa de poupança. Podemos dizer que o aumento de capital de uma empresa para atender aos investimentos empresariais são aumentos baseados em poupança. Ao passo que os aumentos de crédito nem sempre representam aumento de poupança. Podemos observar, principalmente nas estatísticas dos Estados Unidos, que o aumento de endividamento foi muito acima do nível de poupança. Ora, se o nível de endividamento supera o da poupança, é implícita a pressão sobre os meios de pagamento. Os meios de pagamento devem ter aumentado, para atender ao financiamento da dívida, não só das empresas como também das dívidas dos consumidores. Nos Estados Unidos, na Alemanha, na França, na Itália, em todos os países houve um endividamento muito acentuado e esse endividamento forçou o aumento dos meios de pagamento. Forçado o aumento dos meios de pagamento é claro que os índices de preço começaram a subir. É claro que a crise do petróleo acelerou o aumento dos preços e a inflação tornou-se mais generalizada. Mas a causa essencial da inflação reside no fato do endividamento ter crescido em substituição ao capital próprio das empresas.

— No século XIX quase não havia inflação. Só um país, a Inglaterra, mantinha a maioria de sua população em área urbana. Agora, a maioria dos países industrializados tem 85% de seus habitantes morando em zonas urbanas e muitos países em desenvolvimento seguem o mesmo caminho. O senhor acha que nessas circunstâncias a inflação pode tornar-se permanente?

— A pergunta é interessante sob o aspecto de que a concentração da população nas áreas urbanas seja responsável pela permanência da inflação. É possível que isso ocorra pelo fato de o Governo preocupar-se com grande número de empregos a ser oferecido a essa oferta de emprego não se coadunar com o combate à inflação. Há, portanto, excesso de precaução na política de combate à inflação, dado o receio do aumento de desemprego originado do grande influxo da população rural para os centros urbanos. Creio, porém, que no caso do Brasil, com a crise do petróleo, esse aspecto possa ser corrigido, ou pelo menos possa ser modificado, em larga escala com o programa do álcool, que vem da área rural. Desse modo, a área rural, além dos produtos para o consumo de alimentos e de matérias-primas, vai dedicar-se ao suprimento da energia.

— O senhor participou do planejamento do Sistema Monetário Internacional, denominado Bretton Woods. O senhor esteve na Secre-

mais de um ano vem cobrando do Governo Figueiredo uma ação mais drástica contra a inflação, chegando a advertir que ela poderia derrubá-lo. Hoje reconhece que houve exagero, mas lembra: se as medidas antiinflacionárias tivessem sido tomadas, na época, de maneira mais drástica, “a inflação já teria cedido e o Governo estaria melhor amparado pela opinião pública do que se acha atualmente”. E acrescentou: “Continuo a supor que, se a inflação não cair, se a inflação prosseguir em alta, o Governo ficará desprestigiado”

ria de Fazenda do Tesouro dos Estados Unidos, com Harry White e acompanhou as deliberações como delegado do Brasil na reunião de Bretton Woods em 1944. Com a década de 70 veio o colapso do sistema Bretton Woods. O senhor acha que o Fundo Monetário pode ser fortalecido para servir de base ao crescimento da expansão monetária do mundo?

— O descontrolado da economia dos países haveria de prejudicar o Sistema Monetário Internacional. Mas o colapso do Fundo Monetário Internacional ou do acordo de Bretton Woods, adveio muito mais de um pequeno lapso, do que propriamente do sistema imaginado. O pequeno lapso decorre do seguinte: quer no plano de John Maynard Keynes, quer no plano de White, previa-se a moeda internacional, denominada de Units no plano White e de Bancor, no plano keynesiano. Não foi por capricho que ambos escolheram uma moeda internacional. Eles sabiam que não havia moeda de país algum que pudesse evitar os defeitos inerentes às dificuldades internas de cada um. Acontece que quando o Fundo foi instituído, o dólar era uma moeda de tal maneira forte e inspirava tal credibilidade que dificilmente se subordinaria a outra moeda. Todos convergiram para o dólar como moeda internacional.

— Mas, depois de 1965, verificou-se que o dólar não poderia servir de moeda internacional. Manteve-se obstinadamente essa moeda como moeda internacional e ainda hoje é a moeda internacional. Instituiu-se o “direito de saque” como espécie de moeda que pudesse substituir o dólar. Mas era tarde. Passou a prevalecer uma atuação separada de grupos de países e quebrou-se o Sistema Monetário Internacional. Além disso, o Fundo Monetário Internacional foi adotado como medida preliminar, transformável ao sistema da Clearing Union.

O Senhor pode dar uma explicação sobre o que era essa Clearing Union?

— Clearing Union é um sistema mais automático e flexível que o Fundo Monetário, aprovado em Bretton Woods. Segundo a Clearing Union, um país credor automaticamente deveria fazer empréstimos aos países devedores. Da idéia de Clearing Union (compensação) os que dispõem de saldos, cedem recursos aqueles que têm déficits. É claro que não se poderia adotar esse sistema logo depois da guerra. Os Estados Unidos eram o credor de todos os países europeus. Todos deviam aos Estados Unidos. Se se adotasse o sistema de Clearing Union, naquela oportunidade, na verdade não iria funcionar direito. Depois que os países europeus adquiriram bastante poder econômico e conseguiram saldos, seria cabível a Clearing Union e agora, com os países árabes, a Clearing Union representaria um extraordinário instrumento de equilíbrio internacional, ao comércio e nas finanças.

— Isso teria restringido a grande oferta monetária no mundo?

— A oferta monetária iniciou-se com a transferência do déficit dos Estados Unidos para os outros países. Se houvesse esse sistema, não haveria a aludida transferência. Os Estados Unidos não teriam transferido o déficit para o resto do mundo.



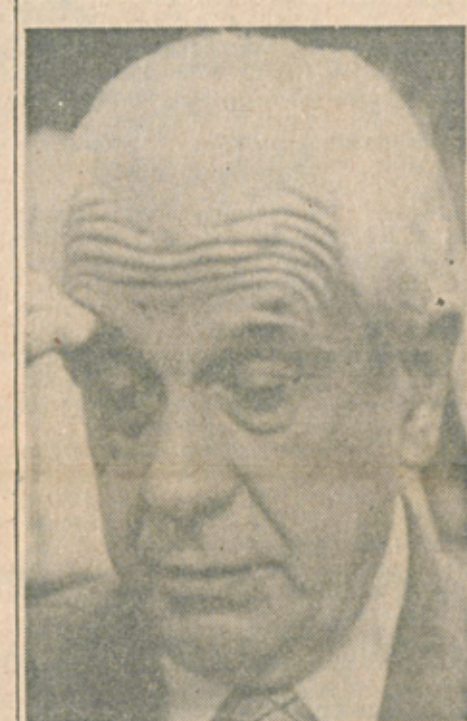
“Temos que acabar com os subsídios. De outra maneira, perderemos o controle da situação”

— O senhor que tem ido a reuniões do Fundo Monetário Internacional por quase 40 anos, de Bretton, 1944. O que acha que devia ser discutido pelo FMI na reunião da semana que vem?

— Com a brutal elevação de preços do petróleo, os países árabes passaram a dispor de enormes saldos em dólares, mas os próprios árabes não têm muita confiança, eles gostariam de ter uma moeda mais estável. Ora, uma moeda mais estável do que o dólar, na verdade só recorrendo a uma moeda internacional do SDR que representa um conjunto, ou uma cesta de moedas dos diferentes países, no sentido de estabelecer uma compensação entre as moedas que se depreciam e as que se valorizam. Havendo, portanto, uma fonte de maior segurança, como seja essa moeda internacional, os países exportadores de petróleo poderiam canalizar para o Fundo Monetário e, assim sendo, não ficariam limitados a depósitos de prazo curto como ocorre atualmente. No mercado de Londres, para onde afluiu o denominado petrodólar, os países árabes insistem em fazer depósitos a prazo curto, de seis meses ou talvez de um ano, e os bancos assumem um risco de transformar esses depósitos em empréstimos a prazo médio e mesmo a prazo longo, havendo nessa atitude um risco muito grande que os banqueiros hoje estão relutantes em continuar a manter. Surgiu, então, a idéia dos petrodólares serem canalizados para o Fundo Monetário e eu vejo uma certa consistência nisso, se os países exportadores de petróleo aceitarem como digna de confiança a existência dessa moeda internacional. Se eles tiverem confiança, então passarão a adquirir títulos do Fundo Monetário, ou mesmo a fazer depósitos no Fundo Monetário a prazo bem maior, a prazos maiores, talvez de quatro ou cinco anos, e com isso desaparece o risco da transformação de depósitos a prazo curto em empréstimos a prazo longo. Se nessa reunião se conseguir qualquer coisa visando a essa finalidade, eu acredito que essa reunião de 1980 seja de real importância.

— O que aconteceria à liquidez do Fundo Monetário se os países devedores deixarem de pagar?

— Bem, essa é uma pergunta muito razoável. Mas eu tenho a impressão que o Fundo



“A causa essencial da inflação mundial reside no fato do endividamento ter crescido em substituição ao capital próprio das empresas”.

Monetário há de ter o cuidado de emprestar a países que demonstram capacidade de repagamento.

— Mas muitas das operações desse tipo, inclusive as deste ano com a Turquia, com a Polônia, com a Coreia, com o Egito, no fundo, ou quase, são basicamente operações de resgate político, por motivos econômicos de interesses dos bancos e agora isso por motivos unicamente estratégicos dos países ocidentais.

— Bom, nesse ponto o Fundo Monetário não pode assumir risco algum.

— Mas tem assumido, como por exemplo da Turquia, um grande volume de dinheiro.

— É, mas aí há muito interesse dos países ocidentais por causa da posição estratégica da Turquia. Mas acredito que uma organização internacional não deveria assumir esses riscos. Ele deve só assumir riscos econômicos, riscos políticos eu tenho dúvida.

— Mas esta é a pergunta que está em jogo agora; se haverá falência de grandes países devedores. Se a atual fórmula é econômica e politicamente insustentável, então como se repassar dinheiro e continuar ainda o movimento econômico, sabendo que não tem muito mais tempo para continuar assim?

— O Fundo Monetário geralmente recusa fazer concessões de crédito a países cuja atitude econômica merece uma correção substancial. Digamos, por exemplo, que um país insista em manter inflação ou não procura corrigir a inflação que existe em seu território. É natural que o Fundo fique relutante em emprestar a esse país ou conceder um auxílio financeiro, porque no fundo ele vai agravar a situação do país em lugar de ajudar.

— Eu não ia perguntar agora sobre o Brasil, mas o Sr sabe o que realmente se pensa quando se está falando neste esquema, principalmente quando se pensa em emprestar dinheiro por motivos políticos e há um motivo político institucional do próprio Fundo em incorporar o Brasil, usando esse sistema de emprestar dinheiro para sanar os pagamentos. O Sr acha que o Fundo vai ficar satisfeito com o programa antiinflacionário brasileiro ou vão fazer mais exigências?

— Eu acredito que eles façam mais exigências.

— Sobre limitações de créditos subsidiados?

— Claro. Eu, se fosse do staff do Fundo Monetário, faria essa exigência.

Norman Gall é especialista em assuntos econômicos e América Latina

PAN-AMERICAN INTELLECTUALITY

by Sylvia Carneiro Leao

Director, Pan-American School, Richmond, Va.

THE silver lining around the dark clouds that still hover over civilized humanity is indicative of good feeling. The same people, misguided and betrayed by the profiteers of war, who fought and decimated each other ferociously only some years ago, seem now earnestly desirous of getting better acquainted with each other, and of working constructively for mutual benefit. It seems that gradually the soldier will have to make room for the schoolmaster, for a cosmopolitan teacher, who is destined to develop international understanding. Unfortunately the language barrier that separates the nationalities is frequently the cause of international misunderstandings and estrangements. Even in the United States, and especially in New York, where so many nationalities live so close together and with such manifold common material interests, they suffer the lack of better acquaintance and congenial understanding of each other.

The effects of the "Melting Pot" are much overrated. The propinquity of different races is very often more like oil and water, or at best, a mosaic-like construction which, on the whole, presents a somewhat harmonious aspect, but which shows the many marks of artificial make-shift.

Therefore, the tendency in the United States to get the different races composing the nations ethically close to each other deserves every encouragement. Next to the press, the institutions of high learning have a noble and necessary mission to fulfill, and it is rather remarkable how much has been done of late by leading Europeans and by American educators. The "Exchange Professors" have come to stay. Such professors are getting more numerous and their teaching more diversified in the European countries and the United States. It is to be hoped that the Pan-American endeavors in this direction will be more and more appreciated by the general public and the governments.

The reception accorded to President-elect Hoover in South America shows that the present moment is very opportune for constructive work in obtaining greater cultural and commercial relations between North and South America.

There is a saying in this country that "the trade follows the flag", but it might also be stated that "the flag follows the teacher". The more people know of each other, the more they are inclined to deal with each other. All cosmopolitan efforts in the propaganda of trade and ethical relations should, therefore, be encouraged.

ELECTRIC INDUSTRY IN BRAZIL

(From a report of the General Electric Co.)

Brazil has a great amount of water power with wide distribution. There are about 400 important waterfalls, only 154 of which have been roughly measured. These 154 have a potential power of at least 50,000,000 h.p. and it is probable that the remaining 250, more or less, would bring this figure to a minimum of 60,000,000 h.p., or about 45,000,000 kilowatts.

In addition to the large falls there are a great number having between 6,000 and 50,000 h.p., while those with less than 6,000 h.p. are countless.

About 50% of the power used in Brazil is generated at 50 cycles and 50% at 60 cycles. There also exist a few small but relatively unimportant plants of odd frequency.

The following statistics, based on surveys made in 1926, will serve to indicate, from the generating stations' side, the extent to which the electrical industry has been developed in Brazil and the manufacturers who have taken a principal part in supplying the apparatus:

Number of cities and towns in Brazil	1,183
Cities and towns served with electrical energy	595
Total number of central power plants	365
Owners of central power plants	210
Central power plants privately owned	185
Central power plants owned by municipalities	25
Electric tramway systems	39
Number of generators installed	408

Total capacity of generators installed in central power plants, 461,000 KVA. Manufacturers of generators of various sizes installed in central power plants:

	General Electric	Westinghouse	Siemens	A.E.G.	Others	Total
50 to 99 K.V.A.	12	2	12	17	12	55
100 to 499 K.V.A.	42	18	65	43	52	220
500 to 999 K.V.A.	13	9	14	9	13	58
1000 K.V.A. and above ..	30	26	6	10	3	75
Total	97	55	97	79	80	408

There exist in Brazil today approximately 450 electric retail houses.

Electrification of the Sao Paulo Railway

The Congress is again discussing the plans for the electrification of the Sao Paulo railway, the railroad linking the port of Santos with the city of Sao Paulo. A plan is considered to electrify the railroad by the Federal Government, the State Government and the Paulista Railway; it is also likely that the Federal Government will take over the railroad.



Mrs. Herbert Hoover and Mrs. Washington Luis, the two First Ladies of the greatest American republics at Rio de Janeiro.



President Hoover at the Guanabara Palace in Rio de Janeiro. At his right is President Washington Luis and at his left Vice-President Mello Vianna. The others are members of the Brazilian Cabinet and of President Hoover's staff.